

Palavra de ordem

Em menos de três dias desabaram dois sustentáculos fundamentais da estratégia política do presidente Fernando Henrique Cardoso: o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, falecido no domingo, e o líder do governo na Câmara, Luís Eduardo Magalhães, na terça-feira. Do ministro Sérgio Motta já se disse que era o mais ágil instrumento de persuasão utilizado pelo Planalto para arredar encarnécidas resistências contra o programa de privatização das telecomunicações. Seu falecimento significa grande perda de energia política na condução do processo.

Luís Eduardo Magalhães era um articulador político dinâmico, hábil, sagaz. Desponhou no cenário nacional como expressão de uma liderança política estimulante, nova e renovadora. Virtude que exibiu primeiro como deputado federal e, depois, no exercício da presidência da Câmara.

Não seria exagero considerá-lo um personagem raro, portador de visão instigante da realidade nacional e dotado de disposição vigorosa para ocupar os planos mais elevados da direção política. Tais traços de sua personalidade mais se acentuavam porque procedia ele de uma geração que, até agora, se mostrou parcimoniosa no oferecimento de quadros aptos a enriquecer a cultura política brasileira.

Portanto, não foi de modo algum surpreendente a decisão do presidente Fernando Henrique Cardoso de entregar-lhe a tarefa ciclopica de exercer a liderança do governo na Câmara. Tarefa ciclopica, repita-se, porque lhe exigia o esforço supremo de conduzir as re-

formas constitucionais em meio a uma oposição ácida, combativa, obediente a preconceitos ideológicos radicais. E, sobretudo, na articulação de uma bancada governista pouco afeita ao princípio ético da fidelidade e mais atenta a vantagens fisiológicas.

O mundo, porém, não acabou com a morte de Motta e Luís Eduardo. A política, antes de configurar-se como ferramenta para a conquista do poder, é a arte de vencer desafios. Em meio às crises e aos contratempos mais desastrosos é que costumam brotar soluções inteligentes para superar as adversidades.

O governo, ao qual se associa a parte mais sensível da sociedade, faz bem em prantear os mortos ilustres e lamentar a falta que irão fazer. A hora, todavia, convida a um novo e mais consistente esforço de mobilização política. O interesse nacional exige que, acima de tudo, não haja solução de continuidade no processo de modernização do Estado e de fortalecimento do sistema econômico.

É indispensável não perder de vista que a partir de julho o Congresso estará em virtual recesso até o final do ano, por motivo da campanha política preparatória das eleições gerais de 4 de outubro (primeiro turno). Até lá, será catastrófico ao saneamento das contas públicas se as reformas encalharem na ordem do dia do Congresso, principalmente a previdenciária e a administrativa. Aprová-las será a melhor forma de homenagear aqueles que por ela tanto lutaram, em especial o líder Luís Eduardo Magalhães. Perseverar no rumo das transformações é a palavra de ordem ajustada aos anseios do povo brasileiro.